

um  
rodrigo

flávia schiochet



# Um Rodrigo

Flávia Schiochet



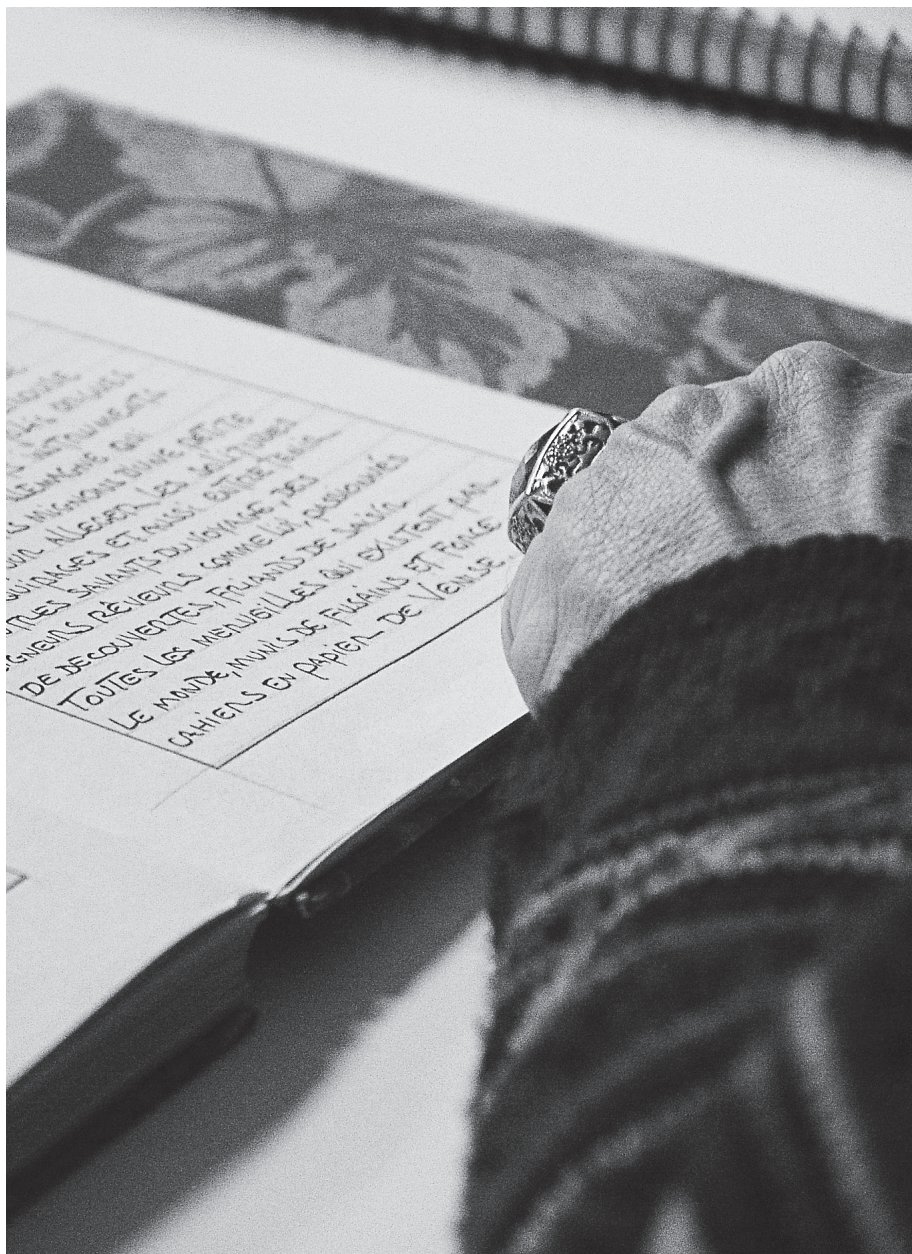
*A todos que me disseram:  
“calma, vai dar certo”*

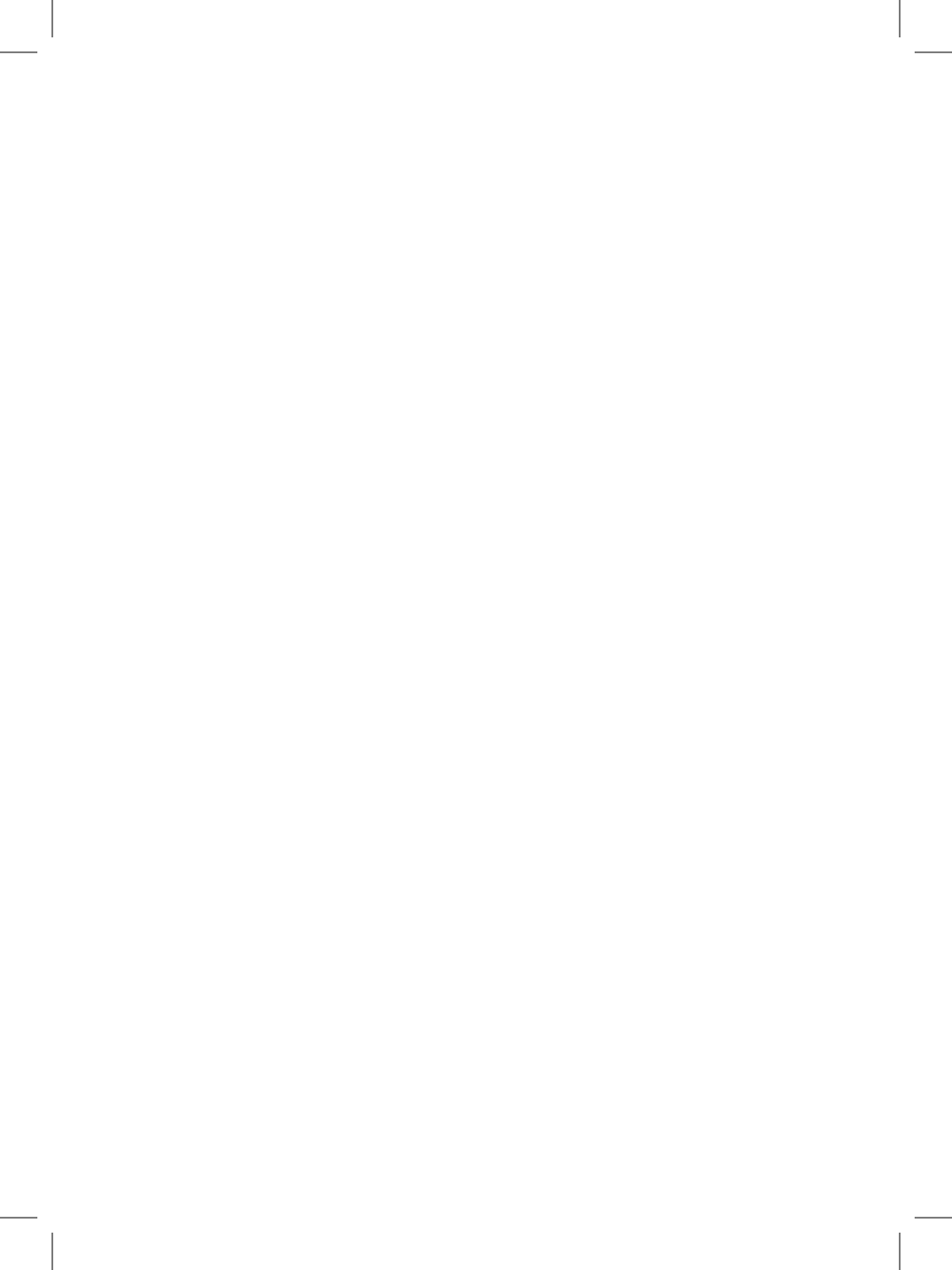
Texto e foto:  
Flávia Schiochet

Projeto gráfico:  
Carlos Felipe Urquizar Rojas

Este livro é resultado do trabalho realizado por Flávia Schiochet para a conclusão do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, orientado pela professora Aglair Bernardo.

dezembro de 2010







# sumário

*prólogo, 11*

*parte I, 19*

*parte II, 31*

*parte III, 47*

*parte IV, 61*

*epílogo, 71*

*agradecimentos, 73*

*livros, 75*

*principais exposições, 77*

*bibliografia, 79*



# prólogo

*Coloquei uma camisa nova* para ver se me distraía com outra coisa que não fosse a ansiedade. Não funcionou muito bem. Havia duas semanas que eu estava em dúvidas se valeria a pena tentar. O máximo que eu ouviria seria um não, seguido de um enorme discurso enumerando os motivos. Ainda assim, tudo que eu não queria ouvir era um não, e lá estava eu, esperando a hora, certa de que só teria a negativa pra ouvir. Algumas ligações depois, desci a rua e sentei no ponto de ônibus. Antônio Fasanaro já tinha me ligado umas duas vezes naquele sábado, e o combinado era ele me encontrar no terminal da Lagoa e seguir para a casa

do Rodrigo de Haro. Antônio é *marchand* e estava desmontando a exposição de Rodrigo no Espaço Cultural do lugar em que eu trabalhava. Para fazer a divulgação de *Olhares*, tive que conversar algumas vezes com Rodrigo, foi quando nos conhecemos e quando a ideia surgiu.

Comecei a tatear as reações com Antônio, algumas semanas antes do pedido:

- Seria um trabalho para o fim do ano, uma espécie de perfil-biografia, algo nesse sentido. Mas não quero que o trabalho da banca seja o final. Pretendo continuar o trabalho até poder dizer “chega, é isso que eu queria”. Entendes?

- Entendo, Flávia, e acho que pode ficar muito bom.

Por esse pouco de conversa fui um pouco mais encorajada, afinal, Antônio tem convivido com Rodrigo há mais tempo do que eu. Marcamos às 20h, já eram 19h30, e nenhum ônibus passara. Andei mais dois pontos e alcancei um Titri – UFSC, quase perdendo a sapatilha. Fiz a baldeação e, dali em diante não seria preciso mais nenhum esforço, bastava esperar em frente ao terminal.

Mal começara a chover, e Antônio chegara com Rodrigo e mais um jovem no carro. Enquanto eu corria para o carro, o jovem despediu-se de todos e foi para o terminal. Fiquei sabendo depois que era um aluno de Rodrigo, pelo qual ele contou sentir grande admiração. O jeito com que Rodrigo fala das coisas que gosta é muito vigoroso. E é quase impossível retrucá-lo.

Estacionamos longe do destino final. Enquanto andávamos em direção a um lugar menos barulhento, Rodrigo puxa o assunto:

- E então, qual é o assunto assim tão especial?

- Bom, não sei se o Antônio comentou algo, mas é que...

- Não, o Antônio não me falou nada. Como vocês esperam que eu saiba de algo se não me contam?

- Então, Rodrigo, é que no fim deste ano eu me formo, e pra isso eu preciso fazer um trabalho final. Aí... eu pensei em escrever sobre você..?

- Sobre mim? Mas por que sobre mim? A quem interessa?

- Ah, Rodrigo...

- Não. Não, não e não.

Nem havíamos chegado à padaria e eu já havia ganhado o não. Fiquei sem reação, não sabia o que devia fazer. Afinal, minha missão tinha terminado ali. Eu poderia tentar contornar a situação, mas isso só pioraria minha imagem, e eu já tinha me afeiçoado ao mau humor de Rodrigo. Penso que ficarei igualmente teimosa, e isso não me aborrece.

Rodrigo então fez o que eu já sabia que ia acontecer: me falou de como o jornalismo é supérfluo e o quanto nós, repórteres, inventamos e distorcemos as coisas. Não me senti contemplada na generalização, por isso ri. E quando eu rio, Rodrigo ri também.

- Mas me fala mais desse trabalho, não pode ser outro tema?

- Até pode, mas eu não consegui pensar em mais nada que...

- Ora, mas tem tantas coisas a serem exploradas! Por que justo eu? Não há nada de interessante na minha vida! Quais são os critérios para essa reportagem?

- Não é bem uma reportagem. Poderia até ser. Tem quem faça monografia, vídeo, foto, texto para revista... eu queria fazer algo como um perfil-biografia seu. Aí

conversaria com você, com seus amigos, sua família...

- Jamais meta minha família nisso! Absolutamente não!

Já estávamos quase chegando. Eu tremia, suave e disfarçava serenidade. E Rodrigo seguia interrompendo cada frase minha, cada vez mais exaltado. Chegou até a debochar de algumas. Antônio só olhava, rindo às vezes. Acho que eu ria também, talvez de nervosismo, mas deve ter parecido natural. De toda forma, bastou tocar no assunto família que Rodrigo ergueu o tom de voz, de modo protetor. É o ponto fraco dele também.

Os minutos seguintes foram de uma eloquência dolorida. Já estávamos sentados em uma padaria pequena, as paredes pintadas de salmão e ao lado de um *freezer* de picolés. Pedi um suco de laranja igual ao de Antônio, e Rodrigo não parava de falar. Do supérfluo do jornalismo, pulou para a efemeridade da internet, para a fragilidade das relações humanas e, enfim, a importância do registro. Entendi a preocupação dele. Ele não queria ser um personagem feito às pressas, e eu não havia explicado o processo de apuração e o tempo

que teríamos para trabalhar juntos.

Antônio interveio pela primeira vez:

- Mas tu terias um ano pra fazer, não é? As conversas seriam enquanto tu trabalhas, Rodrigo, num café, no atelier.

- Sim, eu apresento só em dezembro, até lá eu leria bastante e conversaria com pessoas do teu círculo social... a gente teria meio que conviver um pouco, mas eu não iria me intrometer na sua vida assim, sem mais nem menos.

- Então seria como aprofundar a amizade?

- É, pode-se dizer que sim.

- Que bom! Vou adorar! Vamos fazer então!

Não dá pra dizer com que cor eu fiquei, mas sei que fiquei muito quente e não parava de rir. Todos rimos. Riamos tanto que não conseguíamos continuar a conversa. Rodrigo então levantou e disse:

- Mas venha cá me dar um beijo e abraço.

Abraçamo-nos e continuamos sorrindo. Parecia que havia pedido o homem em casamento, tamanha ansiedade e alívio. Continuamos o assunto normalmente, mais felizes depois de ter resolvido o imbró-



glio. Rodrigo e Antônio tomaram picolés de morango enquanto conversávamos sobre drogas, religião e Rodrigo puxava histórias que sua mãe lhe contou. Nos minutos que se seguiram, ouvi sobre o nascimento prematuro de Rodrigo, sua infância asmática, o assalto que virou amizade, a excêntrica da juventude, que os colegas da época chamavam de maricas.

Rodrigo acabou comprando uma baguete antes de ir embora. E pagou a conta de todos, sem sair da cadeira. Levantou-se e se apoiou no meu braço para descer os dois degraus da padaria, e assim fomos até o carro, ele me falando de pequenos detalhes da vida – o cinema Ritz, o amor pelos cachorros, a história do suéter vermelho – e eu segui contando minhas ideias para os textos que estavam por vir: quem sabe um perfil do vira-lata Mostarda, os filmes e livros que gostaria que ele me passasse, as próximas ligações e visitas que eu faria. Voltei para casa mais pesada, mas feliz.



# parte I

*Quase chegando ao topo do morro do Assopro, a respiração fica pesada e já se avista uma cruz pequena. A igreja dissolve-se no olhar turvo do cansaço. São apenas alguns minutos de caminhada do pé da colina ao coro de fieis entoando cânticos. O caminho, todavia, é silencioso. À esquerda, um casarão do século XVIII reformado em 1983 é a moradia do artista Rodrigo de Haro há 40 anos.*

Um a um, cinco degraus levam ao portão de ferro. A atmosfera já parece mais carregada de misticismo, quando oito cachorros aparecem no quintal. Oito, no tarot, é o *aleph*, o bruxo. Deitado, o número sugere o

infinito e o chapéu do mago. O cachorro é o acompanhante do louco, que significa liberdade, canalização de ideias e voz interior. Mesmo com tantos cães, é apenas um, o Mostarda, quem recebe as visitas – parece ser o verdadeiro dono da casa. Preto com poucas manchas brancas, porta-se com charme quando se senta nas cadeiras e cruza as patas. Não há dúvidas de que tem acesso irrestrito a qualquer parte que deseje. Ainda no quintal, encara Rodrigo, piscando os olhos lentamente. Quer entrar. As quinas das patas estão calejadas e sem pelo. É um cachorro velho, coça as pulgas com pequenas mordidas e lambe a barriga em seguida. Não fica intimidado com caras novas.

Em frente ao portão, um pé de acerola e mais degraus desgastados pelo tempo conduzem ao atelier. Depois da porta de madeira, há uma enorme mesa retangular com tubos de tinta acrílica deformados pelos apertos de mão, um quadro semi acabado e papéis para desenho. Em uma prateleira abarrotada, repousa a seleta biblioteca do artista, que se espalha também pelas mesas menores, onde se vê um ex-voto de pé entalhado em madeira – uma forma de agradecer o

santo milagreiro com uma reprodução da parte sã da —, pastas com desenhos e telas inacabadas. Uma máscara verde de chifres dourados e batom vermelho vigia a vizinhança do alto da parede. Parece também observar os retratos de Rodrigo e da mãe, Maria Palma de Haro, pintados pelo pai Martinho de Haro, as fotografias da família e algumas bengalas guardadas dentro de um vaso negro, que servem de cabide para vários chapéus.

Por um corredor à direita, outra prateleira cheia, desta vez com clássicos do cinema e algumas raridades antigas em DVD. Separados por país de origem, a maioria dos filmes tem uma cópia da capa original e um resumo atrás, com a ficha técnica. Avançando um pouco mais, chega-se à sala de projeção, com mais filmes e livros espalhados pelas prateleiras e em uma marquesa do século XIX, que faz par com uma cadeira do atelier.

Em uma poltrona próxima ao telefone está Rodrigo. Ele assiste pela enésima vez a *O Retrato de Jennie*, drama do diretor estadunidense William Dieterle, de 1948. Só rompe o silêncio para exclamar sobre a be-

leza de Jennifer Jones, a protagonista misteriosa de olhar melancólico, em uma cena enevoada.

Aos 12 anos, Rodrigo leu um artigo sobre o quadro pintado para o filme em uma revista americana de artes que seu pai assinava, a *American Artists*. O enredo e a beleza da obra lhe encantaram, a ponto de enfrentar a chuva e desafiar a asma para ir ao Cinema Ritz assisti-lo na estreia. Chegou em casa tarde naquela noite de janeiro, convocando os pais para a próxima sessão. A semelhança de Jennifer Jones com a mãe o faz sorrir ao lembrar a adolescência.

É impossível não ser captado pelo olhar desse homem. Por trás das lentes grossas dos óculos que usa para ler, há um par de olhos inquietantes que esquadrinha o papel com avidez. Quando Rodrigo acaba de ler, tira os óculos lentamente e coça um dos olhos. Com voz baixa e gestos contidos, explica algo atenciosamente, frisando as palavras com um aceno leve de cabeça e as sobrancelhas arqueadas. Segue o silêncio. *Alea jacta est*, a sorte está lançada. É o momento em que o seteiro lança seu dardo – pode ser um sorriso ou igual silêncio. Acertado o alvo, ele sorri. Muitos con-

sideram este trabalho hercúleo um jogo complicado, por isso sua fama de pessoa difícil.

O mito de homem excêntrico que permeia a imagem de Rodrigo data de sua juventude. Filho de Martinho de Haro, modernista de espírito inquieto e ativo, e Maria Palma de Haro, uma mulher paciente e atenciosa, Rodrigo nasceu com uma mescla das personalidades dos pais: calmo como uma trovoada. Começou a desenhar e pintar cedo, como Martinho, e já era visto como gênio aos 20 e poucos anos. Talvez pela fama do pai, ou pela educação que teve, Rodrigo se sentiu livre para ser e criar de sua forma – metódico sem ser acadêmico, com uma combinação própria de cores e palavras. Os papeis de sua vida aceitam as palavras e os traços diariamente. Não há um dia sequer que Rodrigo não esteja produzindo algo. Seja para passar a limpo seus livros em grandes cadernos artesanais - um projeto que propõe fazer trinta cópias ilustradas a próprio punho de seis livros inéditos, cujas linhas ele mesmo risca - ou rabiscando bloquinhos ou guardanapos com retratos de anônimos, Rodrigo só para diante de compromissos inadiáveis, como ver os amigos de vez em

quando. E, para manter o bom humor do dia seguinte, tenta assistir a um filme por noite, antes de dormir.

Os modos cavalheirescos e a pose clássica chamam a atenção de desconhecidos. Quem o conhece de perto afirma não haver pessoa mais simples e humilde. Tem pouca paciência para asneiras e um coração mole. O dandi, como descreve o crítico Olívio Tavares de Araújo, flana pela cidade de Florianópolis visto como um mago, um ser mítico, e não há viv'alma que não o perceba. Como os personagens presentes em sua pintura, Rodrigo tem a dramaticidade precisa para chamar a atenção sem ser pedante. Se ser artista é não separar sua vida de sua obra – pois isto seria impossível em termos de referência e honestidade – Rodrigo aproxima-se do cânone absoluto.

Assim como os enredos que gosta de ver na tela de projeção, a sua poesia e pintura são intensas e plurais. Multirreferenciado, seu trabalho transita entre o hermetismo e a metafísica. Na poesia, Rodrigo é comparado a um alquimista pelo poeta Carlos Felipe Moisés, por trabalhar muitos sentidos da mesma palavra. Na orelha do livro *Amigo da Labareda* (1991), o colega o



denomina um “poeta hiper-romântico”, que, ao contrário do mundo, “insiste em ver o que não pode ser visto, que almeja encontrar o que sabe que não pode ser encontrado”. Aí confunde-se o artista e artesão. Com esmero, cada traço ou palavra é revisado minuciosamente, como que se Rodrigo avaliasse se eles merecem estar onde estão.

Neste livro, talvez esteja o seu maior exercício em definir o papel do poeta. A metalinguagem domina seus poemas com reflexões sobre o fazer-rimar, assim como o comportamento de animais e o misticismo que o fascina. Quando escreve sobre algo que não seja ele mesmo, Rodrigo busca ser o objeto de seu verso. O também poeta e amigo Cláudio Willer, na outra orelha do livro, afirma não haver distinção entre os versos e as telas de Rodrigo. A poesia e a pintura se completam e se equivalem, cada qual com a sua intensidade.

Contemporâneos de Rodrigo lembram da figura sempre bem vestida na juventude: cosmopolita e desprovido de preconceitos, Rodrigo usava batas, *caftans*, chapéus marroquinos e óculos com armação grande, sempre inovando no vestuário. Em uma cidade pro-

vinciana como a Florianópolis dos anos 1960, um homem que não se vestisse com a usual camisa de botões era uma figura duvidosa.

Sua produção estética acurada reflete-se também em seu estilo inconfundível de compor as telas. Com cores contrastantes e traços duros, o trabalho de Rodrigo é identificado de prontidão. Diferente das obras do pai, as pinturas de Rodrigo não são suaves e delicadas. A partir da tela com fundo negro, Rodrigo passa o pincel marcando as formas sem encostar nos limites de outro elemento, deixando a cor preta aparecer e marcar o formato.

Martinho, um adolescente rural e contemplativo, pintava muros e papéis por vocação desconhecida, sem ter a noção de que, adiante, seria considerado um dos maiores pintores catarinenses. Rodrigo, nascido na capital francesa e cercado por arte desde que se conhece por gente, cresceu com a convicção de que seu papel é ser o que sente.

Por se permitir desde cedo a exercitar o que acredita, Rodrigo possui um poder transformador ao seu redor. Idésio Leal, seu amigo há 30 anos, se descobriu

artista plástico aos 17 anos, quando conheceu Rodrigo na reforma do Teatro Adolpho Melo, em São José. Na época, Idésio trabalhava como segurança na boate Beijos e Beijos, em frente ao teatro e, nos intervalos, ofereceu ajuda para preencher desenhos, enquanto Rodrigo trabalhava em outras figuras do mural. O jovem tinha passado a infância rabiscando cadernos e desenhando tudo que lhe chamasse a atenção, mas nunca havia levado a sério o ofício. Ao conhecer Rodrigo, foi tomado por uma epifania. A partir de 1984, mudaram-se para o casarão da Lagoa.

A amplitude da casa deu espaço para os dois ateliês e para a família de Idésio, que começou a se formar em 1983, com Marilena. Pouco tempo depois, Lela, como é carinhosamente chamada, casou-se com Idésio e mudou-se para a Lagoa. Em 1985, veio o primeiro filho, Leonardo. Em 1993, Adriano, e, quatro anos depois, Sofia. Rodrigo considera todos como família. Junto a eles, mora sua sobrinha Líbia, filha da irmã Sílvia. Mesmo com a casa cheia, Rodrigo possui um universo à parte, onde prefere estar sozinho, principalmente nos momentos de criação.

Em seu atelier, o primeiro cômodo da casa próximo ao pé de acerola, a disposição dos objetos revela o ritmo intenso de sua criação – com claras alusões religiosas, históricas e míticas, a obra de Rodrigo é fruto de um contínuo estudo sincrético, ao qual ele dedica a vida inteira. Suas referências foram se formando a partir dos livros de pintura que folheava antes de dormir, do contato com a literatura no Colégio Catarinense, pelo gosto que tem da poesia espanhola e, obviamente, pela influência do ofício de seu pai, assim como pelos filmes de sua vida.

Das sessões de cinema europeu na adolescência ao cineclube que seu amigo Gilberto Gerlach iniciou nos anos 1970, não houve mudança na apreciação de Rodrigo pela sétima arte. O cinema francês, aliás, era muito mal-visto pelos jesuítas do Colégio Catarinense naqueles anos 1960, o que não inibia Rodrigo nem um pouco.

Certa vez, o garoto resolveu faltar uma aula vespertina para assistir a *Brinquedo Proibido*, filme de René Clément, lançado em 1952. Pela fama de “sem-vergo-nhice” do cinema francês, o professor-frade não acre-

ditou em Rodrigo quanto este lhe contou que o filme não tinha nada de mais. Com o dedo em riste e tom de voz alterado, o jesuíta deu a maior bronca na frente de toda a classe:

- Onde já se viu ir ao cinema assistir essa pouca vergonha?

Sem se intimidar, Rodrigo se levantou da cadeira e respondeu no mesmo tom:

- Pois fique o senhor sabendo que a história não tem nada de pornografia, é um belo filme sobre crianças!

No outro dia, o padre foi conferir com os próprios olhos, dignos de São Tomé. Inocente e sensível, o filme retrata a amizade de duas crianças em junho de 1940, enquanto a França era bombardeada pelos nazistas. Após organizarem o enterro de um cachorro, a órfã Paulette e o camponês Michel resolvem dar um fim de vida digno a todos os animais mortos que encontram.

Dentro de um moinho abandonado, as crianças começam a enterrar insetos e pequenos animais. Um rato, um pintinho, uma barata... são catorze animais velados como gente - como os pais de Paulette não o

foram. Baleados na ponte, foram enterrados em uma vala comum junto aos outros mortos. Jock, o cachorro de Paulette, é levado agonizando até um pedaço da estrada, quando morre e é jogado por uma mulher no rio. Além de recuperar o cachorro, Paulette, no auge da sensibilidade e inocência de uma menina de cinco anos, lhe dá uma cova e treze companheiros.

Cercados de morte e tristeza, as crianças não têm discernimento para saber que o pequeno cemitério é considerado uma brincadeira mórbida. Michel, seis anos mais velho que Paulette, tenta a todo custo fazê-la se alegrar. Pega um pintinho cadáver dos vizinhos, faz as covas para os pequenos mortos e rouba as cruces do cemitério para embelezar os túmulos. Planta flores e decora as colinas de barro revirado com conchinhas de caracóis, só para vê-la sorrir.

Assim como na época do nascimento de Rodrigo, a França do filme era um lugar triste e aterrorizante.

## parte II

*Paris vivia ansiosa em meados de 1939.* Prestes a explodir, a Segunda Guerra Mundial ameaçava os habitantes da capital francesa com a invasão dos nazistas, e, para os de Haro, o clima sugeria que já era hora de retornar ao Brasil. Martinho ainda não havia concluído seus estudos na Académie de La Grande Chaumière, mas a situação começara a ficar insustentável.

Maria estava grávida do primeiro filho, ainda aos sete meses, quando durante a madrugada de 5 de maio, a bolsa não aguentou. Rodrigo foi internado em um hospital para receber os devidos cuidados que uma

criança prematura precisa. Mas não ficou lá por muito tempo. Com o blecaute durante uma madrugada de agosto de 1939, Martinho e Maria decidiram fugir de trem, amparados pela embaixada brasileira.

O primogênito foi resgatado da creche por um amigo da família. Rodrigo tinha pouco mais de três meses e estava, pequeno e frágil, disfarçado de uma espécie de embrulho. Foi entregue à Maria pela janelinha do vagão em um movimento rápido de Martinho.

A viagem durou quatro dias. Passaram pouco tempo em um dormitório comunitário, dividindo o cotidiano com poloneses exilados e judeus. A Polônia fora invadida em setembro pela Alemanha, mas ninguém no albergue sabia. O país estava em frangalhos. Em depoimento a Walmir Ayala, Maria conta que a revolução espanhola deixara órfãos e mutilados por todo o país. Dentro do albergue havia um pacto velado para não contar aos foragidos sobre a situação da Polônia. Numa noite, ao conseguirem sintonizar uma estação de rádio, o desespero tomou conta do lugar: todas as notícias do avanço do nazismo vieram à tona. Para os de Haro, já era hora de partir de novo.



Chegaram em Portugal em busca de uma saída para voltar ao Brasil. Ficaram por lá três meses, e sobreviveram graças à bolsa de estudos de Martinho. Na época, ele recebia 14 mil francos mensais, quatro vezes mais que um general francês. Durante a passagem pelo país, o amigo Oswald de Andrade, que estava trabalhando como correspondente internacional pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, cedeu passagens no navio Cuiabá à família. O itinerário passava por Pernambuco e Bahia para, enfim, chegar no Rio de Janeiro. O Brasil também sofria as consequências da Segunda Guerra Mundial e o fomento às artes não era a prioridade do governo. Mesmo com as economias feitas na Europa, Martinho decidiu voltar à serra catarinense, onde a história dos de Haro havia começado, ainda no século XIX.

O tataravô de Rodrigo, o médico espanhol Pablo Lopez de Haro, imigrou para o Brasil com a família formada e foi parar em São Joaquim, serra catarinense. Três gerações depois, em 11 de novembro de 1907, Martinho nasce em uma família de agricultores e, desde criança, demonstra aptidão para o desenho, inédita na linhagem dos de Haro. Aos 12 anos, começa a pin-

tar por conta própria, depois de uma infância onde qualquer superfície em branco era um alvo a ser preenchido pelo precoce muralista. Quando tinha 19, fez sua primeira exposição individual no Salão do Conselho Municipal de Florianópolis. A mostra despertou a atenção dos críticos e rendeu um longo artigo no jornal *República*, elogiando o novato. O político e escritor José Arthur Boiteux, em passagem pela cidade no ano de 1926, encontrou Martinho pintando e ficou impressionado com a destreza do adolescente. Sugeriu-lhe tentar uma bolsa de estudos pelo governo do estado. Martinho passou em primeiro lugar no concurso da Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro, recebendo do governo de Adolfo Konder o auxílio. Por meio do deputado Francisco Alves Fagundes, de Campos Novos, o governador pode conhecer o pintor iniciante e apostar em sua carreira.

Por ser autodidata, Martinho era claramente um anti-acadêmico. Ainda no embalo da Semana de Arte Moderna, as artes estavam sofrendo um processo de renovação, com questionamento do modelo vigente pelos artistas mais novos. Em 1931, Martinho parti-

cupou do Salão Revolucionário junto aos modernistas Alberto Guignard, Ismael Nery, Antônio Gomide, Lasar Segall e Emiliano Di Cavalcanti, instalado no Salão Nacional de Belas Artes, o último bastião conservador das artes plásticas. Foi o seu batismo. Agora, era oficialmente um modernista, mesmo que, diferentemente de seus colegas, Martinho continuasse a pintar seus temas regionalistas e não fosse afeito a nenhum partido político. A partir de então, começou a ganhar competições promovidas no Salão Nacional: em 1932, recebeu medalha de bronze; em 1934, medalha de prata; em 1935 ganhou a Viagem pelo País e em 1937, o desejado Prêmio de Viagem ao Estrangeiro com o quadro “Depois do Rodeio”, indo estudar na França.

Durante suas férias em São Joaquim naquele ano, Martinho começou a dar aulas para uma jovem de família tradicional, chamada Maria Palma. A incompatibilidade de Martinho para ensinar e a de Maria para pintar acabaram por aproximar os dois. Em seis meses estavam casados. Em dois meses ela viajava com ele para o Rio de Janeiro e, logo em seguida, para Paris.

Martinho não abandonou, todavia, as raízes. Na

Académie de La Grande Chaumière teve aula com o mestre do fauvismo, Otto Friesz. Os fauvistas abusam das cores fortes e representações planas em suas telas. O representante máximo desse estilo foi Henri Matisse, tendo em Van Gogh e Paul Gauguin seus precursores. Martinho fez das técnicas simplificadas das “feras” (do francês “fauve”) uma forma de retratar sua cultura serrana. Não havia Europa que o mudasse.

Até o fim da década de 1960, Martinho foi um renomado pintor conhecido regionalmente, morando em Santa Catarina, sem se preocupar com prestígio nacional. Depois de ter voltado da França, não aguentou viver longe de seu estado natal e mudou-se para Florianópolis. Por ser um artista com formação no exterior e talento facilmente reconhecível, Martinho foi contratado pelo governo do estado para diversas obras. Dentre elas, pintou retratos na administração de Irineu Bornhausen, realizou os murais e vitrais do Teatro Álvaro de Carvalho, da Legião Brasileira de Assistência, um mural interno para a reitoria da Universidade Federal de Santa Catarina, e um em pastilhas na Federação das Indústrias. Em Lages, fez três murais

em mosaico instalados no antigo SENAI.

A primeira exposição fora do circuito catarinense foi em 1970, na Galeria Seta, em São Paulo. A partir deste evento, a obra de Martinho de Haro ficou conhecida nacionalmente, com elogios entoados, principalmente, pelo crítico José Roberto Teixeira Leite, como descrito no livro *Martinho de Haro*, de Walmir Ayala: “esse velho Martinho, refugiado na sua ilha em Florianópolis, vem criando, ao longo de mais de cinquenta anos de trabalho, uma obra ímpar no panorama da pintura brasileira no século XX”. Nos anos seguintes, Martinho expôs no Museu de Arte Moderna, no Rio de Janeiro; participou da coletiva *Arte Brasil Hoje 50 Anos Depois*, em São Paulo; em 1972, faz a primeira exposição individual na galeria Chica da Silva, no Rio de Janeiro; em 1977, outra individual na galeria Trevo, também no Rio de Janeiro, voltando em 1980 para a mostra *50 Anos de Pintura*.

Um tipo calado e inquieto, Martinho evitava a vida social muito agitada. Apaixonado pela arte, sua casa era um ponto de visita quase obrigatório a toda sorte de artistas que estivesse em Florianópolis. Se Martinho

já era um homem que chamava a atenção da vizinhança pela proeza de viver apenas de arte, a freguesia do casarão da Altamiro Guimarães atestava o espanto. Em uma cidade pequena como era a capital catarinense na época, o entra-e-sai de pessoas e os costumes da família tornaram os de Haro uma atração à parte.

Na garagem do casarão ficava o seu atelier, um espaço organizado e imaculado, com cheiro de tinta a óleo e terebentina. O momento de criação era solitário, não permitindo distrações enquanto desenhava. Certa vez, um importante político tentava lhe convencer a dar um desconto em uma tela enquanto discorria sobre boatos e historietas quando Martinho teve um dos rompantes mais espetaculares, parafraseando Cícero:

- O senhor está me roubando... não me tire aquilo que você não pode me dar!

Desentendido, o autor da interrupção continuou olhando embasbacado, para ouvir em alto e bom som:

- Saia da frente da luz!

Obediente, o homem foi embora, sem o quadro.

Martinho vivia para o trabalho e não tinha tempo a perder com bobagens. Nessas ocasiões de inter-

rupção, deixava de ser o homem civilizado e espi-rituoso que os chegados conheciam. No contraponto do casamento, a calma de dona Maria Palma era também estupefacente. Enquanto Martinho apressava a mulher para tudo, dona Maria ia a passos lentos a alguns metros atrás, despreocupada com a inquietação do marido e os chamados de “anda, anda, Maria!”. Companheiros sempre, não era pelo ritmo antagônico que o casamento desandou. Apreciador dos filmes do surrealista Luis Buñuel, já passado dos 70 anos de idade, Martinho não esperou *Viridiana* estreiar em Santa Catarina. Pegou o Fiat 147 e partiu com Maria para o Rio de Janeiro, sem avisar ninguém.

O filme de 1961 só chegou ao Brasil no final dos anos 1970 e o medo da censura fez Martinho e Maria irem até a capital fluminense para vê-lo. Pudera: Buñuel não poderia ter pisado em um maior calo católico – a famosa Santa Ceia é remontada com um bando de mendigos glutões. Nos outros personagens, mais escândalo: Viridiana é uma noviça indecisa; dom Jaime, um tio beirando à pedofilia e a única criança da trama é maliciosa. Em um Brasil em que vigorava o

AI-5, era uma chance que não podia se desperdiçar.

Assim como em todos os personagens, a ingratidão é a principal característica de Viridiana. Não há sorrisos espontâneos nem alegrias verdadeiras em nenhum personagem: desde o mendigo mais ingênuo até o filho bastardo de dom Jaime. Buñuel desconstrói a imagem do “bom selvagem”, do pobre humilde e de bom caráter, e revela que todos iguais, principalmente em seu egoísmo.

A ação transformadora da arte era o que permeava a vida dos de Haro. O caráter questionador de uma obra é o que define seu valor. Ao deixar de ser passivo, o espectador começa a questionar ao que está exposto e, por consequência, o mundo ao seu redor. Martinho havia voltado a sua vida inteira para a arte, assim como a família respirava cultura. A casa, decorada por quadros e esboços de Martinho, logo começou a ter também telas e desenhos de Rodrigo, que montou seu atelier no porão.

Os irmãos Martim Afonso, Sílvia, André e Isolda também envoltos pelo cheiro de tinta a óleo, pintavam, enquanto a mãe, dona Maria, entretinha-se com algum



livro na sala. Maria Palma de Haro, mulher quieta, elegante e discreta, era o que muitos definem como um doce de pessoa. Dela, Rodrigo herdou a serenidade e o jeito para contar histórias. Foi por ela que Rodrigo soube da saga que foi voltar para o Brasil no final dos anos 1930. Do pai, além do talento para pintura e o gosto pelo cinema, Rodrigo tem os olhos estreitos dos de Haro.

Martinho não gostava dos ambientes povoados como as vernissages. Era rápido: chegava, olhava a exposição e voltava para o atelier. A família ficava e Martinho voltava para buscá-los mais tarde. Era um homem observador e ligeiro. Pintou até o fim brusco de sua vida, em 23 de maio de 1985. Era a noite do seu 47º aniversário de casamento e, sobre o cavalete, estava um dos últimos quadros para uma exposição no espaço cultural da joalheria H. Stern, no Rio de Janeiro. O plano daquela noite era jantar com a mulher e o filho mais velho. Às dez horas, decidiu parar e tomou um banho. Sentia-se cansado. Maria achou estranho o ritmo do marido e brincou:

- Martinho, hoje quem está mais devagar é você.

Enquanto amarrava os sapatos, a fadiga. Deitou para descansar na marquesa ao pé da cama, pedindo pela mão da mulher.

\*\*\*

Dona Maria sentiu muito a falta do marido. Nos dez anos seguintes, morou com Rodrigo na Lagoa da Conceição, cuidada pelo filho e pela família de Idésio. Para ela, a vida sem o marido estava acabada. A última exposição que Martinho visitou foi a de Idésio Leal, então com 21 anos, que expunha sua primeira individual. De poucas palavras, mas gestos expressivos, Martinho aproximou-se do jovem artista e lhe deu a mão:

- Parabéns, você está no caminho certo, Idésio. Agora tem que trabalhar muito, mas está no caminho certo.

Além do elogio, Martinho permitiu-se ficar pela vernissage por mais tempo que o normal. Fora um prêmio para o iniciante. Pintando com Rodrigo no atelier da Lagoa da Conceição, Idésio nunca ouvira um elogio de Martinho, nem quando este visitava a casa e se punha a observar os quadros pequenos em um cavalete. Discretamente, enquanto Idésio não es-

tava por perto, Martinho os levantava, botava pra lá e pra cá e o devolvia à posição original, sem um pio. Tanto pai quanto filho não interferem no processo criativo e artesanal da obra alheia. Nem mutuamente. A relação de pai e filho era cordial. Martinho era, como todo pai, um coruja. E com razão: Rodrigo era um fenômeno desde cedo, tendo feito sua primeira individual aos 17 anos e colaborado com um desenho para a revista Sul número 28, ilustrando um poema de Miro Morais. Quando saía para expor fora do estado, Rodrigo punha Martinho em um estado de ansiedade e excitação prementes: há todo instante perguntava sobre o retorno do filho. Durante a espera, coletava notinhas do jornal e continuava a pintar.

Exímio retratista, Martinho pintou por diversas vezes suas duas musas: a esposa, Maria, e a cidade de Florianópolis. Dona Maria é tema de tantos retratos quanto Martinho pode pintar. Era bela como uma estrela de cinema, com os mesmos olhos distantes de Jennifer Jones em *O Retrato de Jennie*. Contemplativa, Maria sentada na cadeira tem o que no filme chamam de “atemporalidade da mulher retratada”: ela deve ter

uma característica pessoal e universal, que possa remeter a qualquer época. Suaves e misteriosas, as musas – dona Maria e Jennie Appleton – fazem o espectador se questionar:

- Que sabe o homem dos Homens?

- “Tão pouco”, responde a Irmã Maria da Misericórdia, personagem do longa.

O protagonista Ebens Adams, interpretado por Joseph Cotten, não se importou em saber pouco, sentiu intensamente cada sentimento que a misteriosa Jennie lhe despertou. Antes de conhecê-la, Ebens era um homem pela metade. Seu trabalho e sua personalidade eram vazios e desprovidos de sentimento. Miss Spinney, marchande e solteirona, alerta Ebens logo no começo: não havia amor em seu trabalho. “Ninguém entende melhor de amor que as solteironas”, ela diz. Ao sentir falta, é que se percebe o quanto vale amar e ser amado – a troca é a descoberta que o sentimento desperta. Ebens, com todo o seu mau humor, não percebe que é isso que lhe falta. Sem algo que o mova além das pinturas de paisagens caóticas, Ebens não deixará de ser – veja só – um amador. Um amador inexpressivo.

O filme dá várias pistas sobre a natureza de Jennie. Começando pela canção de Jennie em sua primeira cena – “De onde eu venho/Para onde vou/Ninguém sabe”. Mesmo sem entender, Ebens entrega-se completamente à menina, esboçando seu retrato naquela madrugada. Finalmente encontra sua ânima, a inspiração na sua metade feminina. E a partir disto, Ebens muda completamente sua vida. Assim como no filme, Martinho foi reconhecido pelo seu trabalho com temas próprios.

A dedicação à profissão só o fez crescer. Se antes era um prodígio reconhecido pelo governador do Estado, Martinho deixou a vida sendo um mestre de renome nacional.



## parte III

*Goya e Fra Angelico travaram algumas batalhas* nos anos 1940. Os demônios do espanhol e os santos do italiano disputavam a atenção de uma criança frágil e asmática que, debaixo das cobertas, acabava por folheá-los página a página, temendo sempre a próxima figura. A sequência de ambos ele já havia decorado, mas encarar “A Anunciação” ou “Saturno” causava sempre uma surpresa. Goya, em sua fase negra, pintou em 1822, um pai temeroso de perder o cargo para seus filhos, e por isso devorou-os um a um. No quadro escuro e com pinceladas grosseiras, Saturno segura uma

criança sem cabeça e ensanguentada, engolindo seu braço esquerdo. Em contrapartida, Fra Angelico, o pintor-monge do século XV, fez o anjo Gabriel levar à Maria as boas novas em “A Anunciação”. De túnica rosa e cumprimentando a futura mãe de Jesus, a delicadeza das cores das asas do anjo atenuava o horror de Saturno. Sem piscar, o terror e o alívio de saber que as figuras não sairiam do papel – a não ser que, por azar, resolvessem visitar seus sonhos – fariam Rodrigo cair no sono lentamente.

Por causa de sua saúde, era uma criança de cuidados constantes. Passou a infância entre São Joaquim, cidade natal de seus pais e Florianópolis, no casarão da rua Altamiro Guimarães. Na casa da avó, na serra catarinense, passava as noites de inverno envolto em cobertas e literatura. O avô Antônio Palma manteve uma rica biblioteca que alimentava a curiosidade de Rodrigo. Foi através dos livros que tinha em casa que ele aprendeu a ler e escrever, sem ter ido à escola antes dos 13 anos. Desde pequeno, já apresentava a voracidade de conhecimento que ainda cultivava: em sua casa na Lagoa da Conceição, uma estante quase torta está



entupida dos mais variados clássicos, que Rodrigo tem a sinopse na ponta da língua.

O repouso ao qual a asma ainda o submete, retornando sempre violenta com a umidade, tornou-a sua companheira mais antiga, precisando aprender a conviver com ela desde pequeno. De repouso durante o frio e a umidade, aproveitou para devorar sem dó toda a literatura ao seu alcance. Formou-se um jovem de referências artísticas e poéticas, sem a disciplina de escola. Se não fosse a biblioteca do Colégio Catarinense e o bom senso de um dos padres, que o deixava ficar lendo enquanto lecionava, a passagem de Rodrigo pela instituição de ensino teria sido muito mais breve que os quatro anos que permaneceu no corpo discente.

Mesmo nascido na pomposa Paris, Rodrigo foi criado em São Joaquim até os cinco anos, quando seus pais se mudaram para Florianópolis. Por isso, sua educação foi baseada em valores de gente da terra, que hipnotizava cobras apenas com o olhar e trabalhava de sol a sol. Na capital catarinense, viveria até os 19 na casa dos pais, onde a discussão de arte e cultura era diária e circulavam tantos artistas quanto Martinho e

Maria pudessem receber. Mais tarde, ao se mudar para São Paulo sozinho e se envolver com o movimento poético dos Novíssimos, Rodrigo lembraria que sua identidade nada tem a ver com grupos homogêneos. Não é um *outsider* por mero acaso.

É um admirador do barroco, do simbolismo, da *art déco e nouveau*, um apreciador da história da arte por completo. Nostálgico de um tempo que não viveu, mergulhou em fábulas, rimas e contos então rechaçados pela nova geração contestadora. Adorador do poeta Cruz e Souza e da poesia espanhola, Rodrigo sabia que sua produção seria diferente antes mesmo de publicar seu primeiro livro, *Trinta Poemas* (1962). A linguagem de cada um dos Novíssimos era única e, apesar da maioria compartilhar da preferência por temas subversivos inspirados na *Beat Generation*, Rodrigo se diferenciava por não se sentir à vontade com o tema. Na arte, assim como na vida pessoal, Rodrigo jamais contraria sua natureza.

Certa vez, quando um amigo saía de férias para Buenos Aires, perguntou a Rodrigo que tipo de presente ele gostaria de ganhar. De pronto, a escolha foi

feita com poucas palavras:

- Um suéter vermelho.

O espanto do amigo só tornou a escolha mais certa. Sim, o suéter vermelho era o único presente que Rodrigo queria. O vermelho era visto em pinturas e retratos de homens elegantes, com as casacas ruivas e imponentes. E pensava: por que ele não poderia ter um suéter vermelho?

- Mas Rodrigo, peça algo mais normal, um suéter vermelho não...

- Quero o suéter.

- Mas Rodrigo...

- Você não perguntou o que eu queria? Pois eu quero o suéter. Se não tiver o suéter, não precisa trazer nada.

Um tempo depois, Rodrigo vai ao cinema com alguns amigos. De suéter vermelho. Não demorou muito para as luzes se apagarem, mas foi tempo suficiente para o resto dos presentes notarem a cor diferente que o jovem vestia. Numa época que os meninos vestiam apenas marrom, preto, cinza e, no máximo, azul, um adolescente de suéter vermelho causava estranheza e certas dúvidas. Rodrigo não demonstrou reação. Sen-

tou-se e pôs-se a assistir ao filme. Ao final do filme, um amigo quis matar a curiosidade.

- Rodrigo, por que essa cor? Por um acaso és viado?  
Sarcástico, respondeu:

- Por que queres saber? Te interessa?

O suéter e a escolha das cores não eram os únicos indícios que perturbavam a cabeça dos amigos e conhecidos. Sua personalidade, desde cedo, não lhe deixava passar desapercibido. Em Florianópolis, ainda eram aproximadamente 60 mil habitantes acostumados com as coisas à moda antiga. Já não era mais a vila de pescadores de outrora, mas mantinha um provincianismo e ritmo de cidade pequena, muito longe da atmosfera esperada de uma capital. Um grupo de jovens interessados em democratizar a arte e quebrar o academicismo vigente testava a literatura, teatro e artes plásticas seguindo suas inspirações e instintos – quase uma “moral biológica”, como apregoa um personagem da peça *Um homem sem paisagem*, de Ody Fraga, também participante do movimento.

Naquela época, o Brasil ainda experimentava os textos da Geração de 45, que se opunha ao modernistas

da primeira geração, de 1922. Eram netos do estilo contestador dos anos 20, e possuíam uma densa prosa psicológica. A primeira geração havia nascido em um mundo pós-Primeira Guerra Mundial, e o Brasil ainda estava conhecendo a vacina, os antibióticos, o carro, a energia elétrica e inovações industriais. Muita mudança em tão pouco tempo foi traduzida pelos modernistas da primeira geração com deslumbre.

A terceira geração ainda estava com ressaca da Segunda Guerra Mundial. Tanto a primeira quanto a terceira queriam uma literatura que mudasse a forma de ver o mundo. A Geração de 45 buscou isso deixando seus textos mais intensos e universais, ao invés de cultuar o progresso industrial. O interior dos personagens contava muito no enredo, é o que leva o leitor a entendê-lo. A cultura brasileira estava em polvorosa em todas as áreas, com os Tropicalistas na música, Rogério Sganzerla e Glauber Rocha no cinema e o anti-academicismo na pintura.

Quando chegou em Santa Catarina, em 1948, o modernismo tinha como agentes principais os integrantes do Grupo Sul. Heterogêneos e jovens, dentre

eles estavam: Adolfo Boos Jr., Aldo Sagaz, Antônio Paladino, Archibaldo Cabral Neves, Cláudio Bousfield Vieira, Eglê Malheiros, Elio Ballstaedt, Guido Wilmar Sassi, Hassis, João Paulo Silveira de Souza, Ody Fraga, Oswaldo Ferreira de Melo, Salim Miguel e Walmor Cardoso da Silva. Capitaneados pelo professor e jornalista Aníbal Nunes Pires, os modernistas tardios de Santa Catarina publicaram textos na *Folha da Juventude*, que circulou entre novembro de 1946 e agosto/setembro de 1947.

Pelos textos, mostravam-se contestadores de tudo que lhes foi ensinado e acabaram provocando a velha geração, tendo no editor Othon d'Eça da página literária dominical do jornal *O Estado*, um crítico ferrenho às suas propostas. De maio a dezembro de 1951, Othon dividiu a página em duas colunas: a dos “antigos” – entusiastas do parnasianismo e realismo – versus a dos “modernos”. O novo movimento não estava, portanto, sendo ignorado, mas sistematicamente repreendido pela Geração da Academia.

Othon d'Eça havia lançado a ideia de formar um grupo literário ainda em 1912, mas só em 1920 um

grupo de jovens escritores fundaria a Sociedade Catarinense de Letras, posteriormente denominada de Academia Catarinense de Letras. Atualmente, o grupo conta com 40 membros, sendo a cadeira 35 a de Rodrigo. Com a formação do Grupo Sul em Santa Catarina, a literatura latente do estado teve uma nova chance. Depois dos poetas simbolistas Araújo Figueiredo e Cruz e Souza, o estado passou quase cinquenta anos sem produção literária. O modernismo sacudiu o marasmo e trouxe para a população uma nova visão que ia além das artes e tangenciava a política.

Com o fim da *Folha da Juventude*, e após terem publicado contos, poesias, ensaios em jornais como *Diário da Tarde* e *A Gazeta*, o grupo de Salim Miguel sentiu necessidade de criar um veículo próprio. Para conseguirem verba para publicação, seguiram o conselho de um Ody Fraga aos 20 anos, posteriormente o cineasta maldito, e montaram três peças em um ato: *O Homem da Flor na Boca*, de Pirandello; *Como ele mentiu ao marido dela*, de Bernard Shaw e *As estátuas volantes*, de Jean-Paul Sartre. O teatro lotou nos dois dias de apresentação. Era a primeira vez que uma peça de Sartre

era montada em Florianópolis, e com o dinheiro da bilheteria, publicaram duas edições e ainda pagaram um jantar comemorativo no Lira Tênis Clube. Nascia a revista *Sul*.

Apesar de não ter mantido um expediente fixo e nenhum dos integrantes ter experiência em gerir um periódico, a revista alcançou sucesso, ainda que fora do estado. O primeiro editor, Aníbal Nunes Pires, por já ser um conhecido professor em Florianópolis, fez com que a revista fosse aceita com mais facilidade pelos conservadores na cidade, mas não emplacou. As vendas não iam bem, mas a troca de exemplares com outros estados e as colaborações internacionais fizeram a *Sul* durar 30 exemplares, entre 1948 e 1957.

Nas artes plásticas, assim como na literatura, cinema, teatro e música, os modernistas tardios aceitavam como arte tudo que lhes causasse prazer estético. Mesmo abraçando a causa em todos os campos, o grupo não chegou a organizar exposições, mas propôs debates e conferências com artistas de fora. Por meio da revista, publicam desenhos, artigos e entrevistas, e também apoiaram as exposições das quais os cole-



gas participaram. Para eles, não valia mais a “arte pela arte”. Ela precisa ter um compromisso em despertar discussões e mostrar problemas. Os modernistas eram, em sua maioria, autodidatas, que viam Martinho como um mestre e o consideravam o melhor artista de Santa Catarina. Apesar de ter colaborado com a revista, Martinho mantinha distância da questão política e postulados graves sobre a arte moderna, pois era um cético. Não pendia para nenhum dos lados e tratava a opção dos colegas com cordialidade: o que não fosse arte, não o interessava, e o que, por descuido, fosse misturado à ela, era separado por ele. Acreditava que a função do artista é fazer, e não explicar.

Em janeiro de 1958, forma-se o Grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis (GAPF), e o Grupo Sul se dispersa. Rodrigo, ainda aos 19 anos, é co-fundador junto a Hugo Mund Jr., Meyer Filho, Tércio da Gama, Pedro Vecchietti, Hassis, Thales Brognoli, Aldo Nunes e Dimas Rosa. A primeira exposição foi feita no Instituto Dias Velho, entre 25 de janeiro e 10 de fevereiro, e trazia telas, desenhos, gravuras, xilogravuras, tapeçaria e estudos em preto e branco, e homenagem a

Martinho de Haro. A seleção de Rodrigo traz dois desenhos em guache, cinco ilustrações e três pinturas. A obra “Desenho I” recebeu Menção Honrosa Especial, dada pelos jurados Victor Antônio Peluso, Ilmar Carvalho, Maurício Reis, Pedro Bosco e Valmy Bittencourt. O GAPF foi reconhecido pelo Diário Oficial do Estado em agosto do mesmo ano, e em 13 de novembro, o grupo é declarado de utilidade pública pela Câmara de Vereadores de Florianópolis.

Mesmo bem vista pela crítica dos jornais *O Estado*, *Diário da Tarde* e *Jornal Unidade*, a primeira exposição do GAPF não agradou a velha guarda. Em frente aos quadros de Meyer Filho, espalharam milho, num gesto claramente irônico por causa dos coloridos galos do moderno. Isso não os abalou. Seguiram promovendo exposições individuais e coletivas tanto em Santa Catarina quanto em outros estados, firmando o nome dos participantes nos grandes centros do país. *O Estado do Paraná* publicou, em 4 de dezembro de 1958, um pequeno texto chamando a atenção para a individualidade e liberdade dos integrantes, “o que resultou em um trabalho honesto de pesquisa”.

O costume de Rodrigo em não nomear seus quadros e desenhos persiste até hoje, pelo limite interpretativo que o batismo impõe ao espectador. O nome da obra, para Rodrigo, não é tão importante quanto a composição dela. Aos 18 anos, já havia se desapegado de qualquer grupo começou a exercitar seu modo de ver o mundo em texto e imagem. Mudou-se para o Rio de Janeiro, ainda que o pai não o recomendasse, e por lá ficou três anos antes de voltar a visitar Florianópolis. Morou numa pensão do Flamengo onde não havia divisão de classes e cerimônias. Jornalista e pedreiro almoçavam na mesma mesa, alimentados por duas espanholas de cabelos brancos, donas da pensão.

Começam os anos 1960, e a ilha não para. Com a criação da Universidade Federal de Santa Catarina, é desencadeado um processo de atividades, ambientes culturais e novos meios de comunicação que vão fazer parte do cotidiano da cidade: rádios, jornais, livrarias. O provincianismo se afasta da capital lentamente, e Rodrigo voltaria a morar na adorada Desterro alguns anos depois.



# parte IV

*Na década de 1970*, um grupo de aproximadamente 15 jovens frequentava esporadicamente o casarão de Martinho de Haro para passar horas a fio assistindo filmes europeus madrugada adentro. A parede da sala exibia filmes de Jean Cocteau, Pier Paolo Pasolini, Fritz Lang, Werner Herzog ou Robert Bresson, conforme os rolos de filme que o amigo Gilberto Gerlach arranjava com os consulados, sem periodicidade definida. Era uma reunião informal de cinéfilos que

culminaria no Cineclube Nossa Senhora do Desterro, anos depois.

Simpático e prestativo, Rodrigo aproveitava os intervalos em que tinham que trocar os rolos de filme para traduzir aos presentes diálogos e situações, uma vez que nenhum dos filmes tinha legenda. As leituras e os estudos em casa tornaram Rodrigo um poliglota, e sua interpretação era de grande ajuda aos que não dominavam os idiomas. Entre um filme e outro, a turma fazia uma pausa para o cigarro e tomava um café para aguentar até de madrugada. Geralmente os filmes eram passados em dia de semana, e a maioria tinha cartão para bater na manhã seguinte.

As reuniões acabaram, mas o Cineclube seguiu. Gilberto Gerlach conseguiu um espaço na Biblioteca Pública de Florianópolis, depois no Teatro Adolpho Melo, em São José e, por fim, criou o Cine York e continuou com o Cineclube Nossa Senhora do Desterro no Centro Integrado de Cultura. Para o Cine York, que fechou em 2008, Rodrigo fez murais de azulejo que ornamentam a fachada do prédio. São cartazes de filmes antigos remontados especialmente para o cinema do amigo.

Os murais que Rodrigo cria, assim como suas outras composições, são produzidos a partir de pesquisas extensas. Cada forma conta uma história, fruto do estudo contínuo de Rodrigo. Em seu mural mais famoso, o do prédio da reitoria da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o painel narra a viagem dos Açores e origem da colonização em Florianópolis, inspirada no mito grego de Jasão e os Argonautas. Na história, o tio de Jasão, rei de Iolta, da região de Tessália, desafia o herói a recuperar a Pelagem de Ouro de Cólquida (atual Geórgia, uma pequena república no Cáucaso), e em troca oferece seu trono. Foi a primeira viagem longa feita por um homem na história da Grécia Antiga e, para isso, o arquiteto Argos contou com a ajuda da deusa Atena para a construção da nau.

Acredita-se que o povo que colonizou o arquipélago dos Açores teria se originado durante a viagem dos Argonautas. Na fachada da lateral esquerda da reitoria da UFSC, encontra-se o painel “Travessia”, que mostra as naus açorianas viajando para o Ocidente. Os mitos da viagem e seus perigos estão estampados em cacos multicoloridos de azulejos, formando bichos e

cenários que teriam desafiado os viajantes. O mural foi concebido em parceria com Idésio Leal e teve o auxílio de três azulejistas, de 1995 a 1997. Um dos trechos teve de ser reconstruído em 2009, o que Rodrigo achou plausível. A obra de arte nunca está terminada e remendos, diz ele, não são pertinentes. À época, era o maior mosaico sendo confeccionado no Brasil, com 400 metros quadrados no total.

À frente do prédio, textos de Pedro Port, Raul Bopp, Alcides Buss, Osmar Pisani e do próprio Rodrigo nararam lendas e histórias pré-colombianas, combinados com escritos de Câmara Cascudo e de crônicas dos navegantes Francisco Lopes de Gómara e Adelbert Von Chamisso. A cultura popular brasileira é representada com uma alegoria sobre o Saci e para falar das dificuldades das viagens marítimas, Pedro Port conta a história de Ulisses e Penélope. Ele, voltando da Guerra de Tróia e ausente por vinte anos da ilha de Ítaca, é ajudado pela deusa Atenas a se disfarçar de mendigo e voltar ao seu palácio. Penélope o espera, recusando os pretendentes que se acumularam à sua porta desde a partida de Ulisses. Todos os dias, ela tece uma peça de



tapeçaria para o funeral do sogro Laertes, prometendo escolher um pretendente quando terminar o serviço. Todas as noites, porém, ela desmancha os pontos. Quando Ulisses retorna, ninguém o reconhece. Só o seu cachorro, velho e doente, corre para saudar o dono, morrendo em seu colo. Rodrigo considera esta cena a mais bela representação do amor e fidelidade de um cachorro para com seu dono.

Na parte direita da fachada principal, Rodrigo montou a história da colonização das Américas a partir de imagens de seres fantásticos e dos povos pré-colombianos. Assim como ouvi-lo narrar essas fábulas, observar os detalhes do mosaico é uma viagem às páginas que Rodrigo leu.

O gosto pela mitologia originou-se no livro *As Fábulas de Ovídio* que conheceu ainda menino. Descobriu a obra no Colégio Catarinense e gostou tanto que tem um exemplar na sua prateleira. Não dá para saber o que encanta a casa de Rodrigo, se é a localização ou seus habitantes, mas é certo que não é só nos livros que histórias curiosas acontecem.

\*\*\*

Já havia passado da hora do almoço no morro do Assopro. No jardim, o sol fazia sua curva para marcar as horas, vergando sombras no chão e deixando o gramado com um tom amarelado e vivo. Rodrigo se ocupava com tintas e telas, quando avistou uma pequena cobra coral encarando-lhe próxima à uma pedra do jardim. Fitaram-se por um tempo. Devagar, ele recua. As lições dos encantadores de cobras em São Joaquim voltam à mente: é preciso cautela e sinceridade. Ela permanece imóvel. Rodrigo entra em casa e serve um pires com leite. Com uma quase-reverência, apóia a oferenda no chão, próximo à visitante. Dali nasceria um pequeno respeito e companheirismo que cresceu a ponto de provar que o homem, às vezes, se entende com o bicho.

Numa noite de sábado, depois de algum tempo alimentando a cobra, Rodrigo conseguiu aproximar-se. Ela, muito elegante, delicadamente subiu-lhe pelo braço e enrolou sua cauda. Fazendo seu papel de cobra, cheirou-lhe com a língua e aquietou-se. Rodrigo decidiu ir encontrar seus amigos com a nova companheira. O encontro seria num tributo feito pela banda The

Snakes a um grupo de rock dos anos 1970, meio gótico. Era de se esperar, então, que os presentes agissem com mais naturalidade ao encararem a cobra. Não deu muito certo e Rodrigo teve que voltar mais cedo para casa. Sua mais efêmera amizade acabaria, meses depois, decapitada pelo jardineiro. Rodrigo entristeceu-se, fez as malas e foi viajar. Passou um ano no Rio de Janeiro, na casa da rua Alice.

Nos dois quilômetros do logradouro, no bairro das Laranjeiras, há um bordel, casarões antigos, um centro de umbanda, um centro esotérico, um sobrado, a embaixada da Rússia e, numa das curvas, uma jaqueira. Andar pelas ladeiras do Rio de Janeiro nos anos de 1950 depois do entardecer não era recomendável. Maria apoiada no braço do filho mais velho, ia a caminho da padaria próxima à sua casa. Vinham conversando sobre as intuições da mãe e observando a fachada dos casarões antigos, coisa que Maria apreciava, quando chegaram à esquina fatídica. Lá estava a jaqueira, fazendo sombra pela calçada e bloqueando a visão de quem andava pela rua. Quase sem fazer barulho, um jovem alto e forte pula do galho mais baixo da árvore e

empurra Rodrigo para o chão enquanto anuncia:

- Uma graninha pro negão aqui.

Maria Palma de Haro era uma mulher calma. Porém, não era previsível. Respondeu, espontânea:

- Você precisa comprar o quê, meu filho?

O rapaz ficou confuso. E na confusão, tentou engrossar o tom e exigir o dinheiro mais uma vez. Maria mexia na bolsa, e repetia:

- Espera só um minuto, espera!

Rodrigo, ainda no chão, ouviu a mãe comentar:

- Rodrigo, você já viu coisa mais linda que o sorriso de um negro? Eu queria ver o seu sorriso.

- Quero dinheiro pra comprar o cheirinho da loló!

- Já falei para você esperar um minuto! Você não pediu e eu não estou procurando para lhe dar? Agente um pouco enquanto lhe faço esse favor. Vem cá, você já comeu hoje, menino? Então vamos lá em casa e a gente conversa.

Engatou no ladrão com um braço e subiu a rua com o filho no outro lado. Foi o suficiente para desarmar o adolescente. Passou na padaria antes de chegar em casa e serviu café enquanto perguntava ao convidado

sobre sua vida. O menino chorava. Era de família pobre e imigrante do nordeste do país, seu pai paraplégico, cinco irmãos e uma mãe diarista, única fonte de renda da casa. Maria se afeiçoou ao menino e no outro dia, conheceu sua mãe, também Maria. Acabaram se tornando amigas.

A relação de Rodrigo com os pais deixava os limites da hierarquia familiar para ser de companheirismo e amizade profundos. Rodrigo lembra que não existiam regras ou rotinas padrão. Se havia algo interessante a ser feito, mesmo que fosse madrugada, estavam a postos logo depois de terem lavado o rosto. Quando criança em São Joaquim, ouvia histórias dos criados na fazenda sobre o fantasma que assombrava o casarão do avô materno. Quando o vento soprava forte, era certo que o fantasma iria aparecer. De tanto Rodrigo insistir, a mãe o acorda numa noite gelada. Abre a janela e aponta: em meio à neve, um vulto sem cabeça sai da Igreja e avança sobre o jardim. Em seu livro *Andanças de Antônio*, publicado em 2009, Rodrigo conta essa história através do poema “Mãe conduz seu filho para olhar um fantasma”. É uma forma de cultivar a saudade.



# epílogo

*Rodrigo não acredita ter uma vida extraordinária.* Ele crê que o verdureiro da esquina tem uma trajetória muito mais importante que a sua e histórias mais interessantes que qualquer acontecimento que tenha vivenciado. A vida de todos é, na verdade, cheia de excepcionalidades e coisas fascinantes, mas poucas sabem contá-las como Rodrigo. Uma pessoa que viva em regime de liberdade e celebração da vida integralmente já é, por si só, um ser admirável.

Flávia Schiochet

Há uma frase creditada ao mergulhador e documentarista Jacques-Yves Cousteau, autor de 150 filmes e 60 livros, que talvez justifique esta intromissão na vida de Rodrigo. “Quando um homem, por qualquer razão que seja, tem a possibilidade de conduzir uma vida extraordinária, ele não tem o direito de guardar isso para si próprio”. Acho que fiz minha parte.



# agradeço

À minha família pelo apoio ininterrupto nesses breves 21 anos de vida, sendo quatro de amor à distância; à minha orientadora, que sabe o que passamos; aos professores maravilhosos que encontrei; à ajuda dos amigos em horários inadequados para conversas, revisões, downloads e cafés.

Ao Carlos Felipe Urquizar Rojas, pela paciência que só ele tem comigo. Ao Fábio Mafra e Gabriela Bazzo, pela compreensão e por serem os melhores amigos e

colegas de trabalho. À Angieli Maros, pela companhia incansável nas maratonas de biblioteca.

Ao Rodrigo de Haro, por ter permitido minha invasão em sua vida; a Antônio Fasanaro, Celisa Canto, Estela Ramos, Fábio Brüggeman, Fátima Póvoas, Idésio Leal, João Otávio “Janga” Neves, Laura Pereira, Leda Lisboa, Leila Leal, Sérgio Goulart e Vanderlei Mazurek Santos pelo tempo concedido.

Aos que se dispuseram a me ajudar, mas que não tive tempo para encontrar: minhas sinceras desculpas. E a todos, meu muito obrigada.

# livros

- 1961 Trinta Poemas
- 1967 A Taça Estendida
- 1971 Pedra Elegíaca
- 1971 O Filho da Labareda
- 1985 O Amigo da Labareda
- 1992 Naufrágios
- 1992 Mistério de Santa Catarina
- 2009 Andanças de Antônio
- 2010 Ofícios Ocultos



# principais exposições

## **Individuais**

1966 Pinturas, MASC, Florianópolis

1968 Galeria Domus, Rio de Janeiro

1975 Galeria Seta, São Paulo

1980 Desenhos e Gravuras, Museu Victor Meirelles,  
Florianópolis

1985 Galeria Ars Artis, São Paulo

1998 Ilha ao Luar, MASC, Florianópolis, e Galeria Paci-  
fico, Buenos Aires

2004 Alma das Ruas, MASC, Florianópolis

Flávia Schiochet

2006 Narrativas, Galeria Múltipla

2010 Olhares, Espaço Cultural Governador Celso Ramos

– BRDE

### **Coletivas**

1972 Arte Fantástica, Paço das Artes, São Paulo

1974 Pinturas Fantásticas, Museu de Arte do Paraná,  
Curitiba

1979/83 Panorama Atual de Arte Brasileira, MAM, São  
Paulo

1984 Tradição e Ruptura, Fundação Bienal, São Paulo

1985 Destaques da Arte Contemporânea Brasileira,  
MAM, São Paulo

1985 O Surrealismo na Arte Brasileira, Pinacoteca do Es-  
tado de São Paulo

1999 II Bienal de Artes Visuais do Mercosul - Artista  
Convidado, Porto Alegre

# bibliografia

ANGELICO, Fra. **Mestres da Pintura:** Fra Angelico 1387-1455. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

AYALA, Walmir; HARO, Rodrigo de. **Martinho de Haro.** Rio de Janeiro: L. Christiano, 1986. 97 p. de estampas.

BLASS, Arno, GUERRA, Rogério. **Grupo Sul e a Revolução Modernista em Santa Catarina.**

Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, EDUFSC, Volume 43, Número 1, p. 9-95, Abril de 2009.

- FRANCISCO Goya.** São Paulo: Abril Cultural, 1967.
- GARCIA LOPES, Rodrigo; VASQUES, Marcos. **Convocações do Espanto.** Revista Coyote. Florianópolis, no. 20. Páginas 42-51, verão 2010.
- GUDIOL, Jose . **Goya.** Barcelona [Espanha]: Polígrafa, c1984.
- HARO, Rodrigo de. **Amigo da labareda:** poesia. São Paulo: Massao Ohno, 1991.
- HARO, Rodrigo de. **Mistério de Santa Catarina.** Florianópolis: Ed. Livros do Athanor, 1992. Não paginado.
- HARO, Rodrigo de. **Naufrágios.** Florianópolis, SC: Paralelo 27, 1993.
- HARO, Rodrigo de. **Pedra elegíaca.** Porto Alegre: Flama, 1971.
- KLINTOWITZ, Jacob. **Versus:** 10 anos de crítica de arte. São Paulo: ESPADE, 1978.
- MIGUEL, Salim; MALHEIROS, Egle. **Memória de editor.** São Paulo: Escritório do Livro, IOESC, 2002.
- Nove do grupo de artistas plásticos de Florianópolis, 1958-1978, 20 anos depois/** promoção Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, Universidade para o Desenvolvimento do



Estado de Santa Catarina - UDESC.- Florianópolis, SC: [s. n.], 1978 (Florianópolis: IOESC).

PIRES, José Henrique Nunes; DEPIZZOLATTI, Norberto Verani; ARAÚJO, Sandra Mara. **O cinema em Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 1987.

POUZADOUX, Claude. **Contos e lendas da mitologia grega**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SABINO, Lina Leal. **Grupo Sul: o Modernismo em Santa Catarina**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

WOLFF, Eduardo. **Ody Fraga** – boca do lixo.

Trabalho de Conclusão para o curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

ZAGO, Hellen da Silva. **Ensino, geometria e arte: um olhar para as obras de Rodrigo de Haro**. 104 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, Florianópolis, 2010.

#### **Referências filmográficas:**

BECK, Ieda. **Modernos do sul**. Florianópolis: Contraponto, [200-]. 1 DVD (52 min.)

BUÑUEL, Luis. **Viridiana**. Espanha, 1961. 90 min.  
CLÉMENT, René. **Brinquedo Proibido**. França,  
1952. 82 min.

DIETERLE, William. **O Retrato de Jennie**.  
Estados Unidos, 1948. 86 min.

FAGANELLO, Chico. **O Capitão Imaginário**.  
Florianópolis: Faganello Produções, 2000. 1 DVD  
(52 min.)

### **Referências webgráficas:**

ARAÚJO, Olívio Tavares de. **Reafirmando: um  
humanista singular**. Disponível em: [http://  
www.multipladearte.com.br/rodrigodeharo\\_expo/  
narrativa.html](http://www.multipladearte.com.br/rodrigodeharo_expo/narrativa.html). Acesso em: 15 maio 2010.

CORRÊA NETO, Ylmar. **Biografia: Martinho  
de Haro**. Disponível em: [http://www.  
museuvictormeirelles.org.br/umpontoeoutro/  
numero6/biografia.htm](http://www.museuvictormeirelles.org.br/umpontoeoutro/numero6/biografia.htm) Acesso em: 23 novembro  
2010.

**Jasão e os Argonautas**. Disponível em: [http://www.  
emdiv.com.br/pt/mundo/povosetradicoes/1933-  
jasao-e-os-argonautas-mitologia-grega.html](http://www.emdiv.com.br/pt/mundo/povosetradicoes/1933-jasao-e-os-argonautas-mitologia-grega.html). Acesso  
em: 12 novembro 2010.

LIMA, Jeferson. **Um século moderno**. A

Notícia, Joinville, 9 outubro 2007, Caderno Anexo.  
Disponível em: <http://www.an.com.br/anexo/2007/out/09/0ane.jsp>. Acesso em: 15 maio 2010.

**Martinho de Haro.** Disponível em: <http://www.vivonumailha.com/page5/page28/page28.html>  
Acesso em: 27 outubro 2010.

**Martinho de Haro.** Disponível em:  
<http://www.fraternidadeserrana.com.br/Biografia%20Martinho%20de%20Haro.htm>. Acesso em: 26 abril 2010.

**Notas da Produção de “O Capitão Imaginário”.**

Disponível em: <http://www.webcine.com.br/notaspro/npcapima.htm>. Acesso em: 26 abril 2010.

REZENDE, Dorva. **Outsider neobarroco.**

Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/diariocatarinense/jsp/default2.jsp?uf=2&local=18&source=a2610800.xml&template=3898.dwt&edition=12881&section=1323>. Acesso em: 23 outubro 2010.

**Painéis de Rodrigo de Haro na reitoria da Universidade Federal de Santa Catarina.**

Disponível em: <http://www.ceramicanorio.com/paineis/rodrigodeharo/rodrigodeharo.html>. Acesso em: 12 novembro 2010.

**Quem é Rodrigo de Haro.** Disponível em: [http://www.umedodeprosa.cce.ufsc.br/paginas/vizualizador\\_texto.php?id=44&tipo=biografia](http://www.umedodeprosa.cce.ufsc.br/paginas/vizualizador_texto.php?id=44&tipo=biografia). Acesso em: 26 abril 2010.

**Rodrigo de Haro.** Disponível em: [http://guion.com.br/arte/haro\\_bio.htm](http://guion.com.br/arte/haro_bio.htm). Acesso em: 26 abril 2010.

SCHMITZ, Paulo Clóvis. **Círculo de Leitura volta ouvindo Rodrigo de Haro.** Agência de Comunicação da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis 4 março 2008. Disponível em: [www.agecom.ufsc.br/index.php?secao=arq&id=6256](http://www.agecom.ufsc.br/index.php?secao=arq&id=6256). Acesso em: 26 abril 2010.

**Segunda Guerra Mundial.** Disponível em: [http://www.2guerra.com.br/sgm/index.php?option=com\\_content&task=view&id=220&Itemid=29](http://www.2guerra.com.br/sgm/index.php?option=com_content&task=view&id=220&Itemid=29). Acesso em: 15 outubro 2010.

**Ulisses.** Disponível em: <http://www.mundodosfilosofos.com.br/ulisses2.htm>. Acesso em: 12 novembro 2010.



Este livro foi composto em Adobe  
Garamond e impresso em offset pela  
Gráfica Serial sobre papel Canson  
para esboço 90g/m<sup>2</sup>.



*Um Rodrigo* é daquelas obras que permitem um tipo de encontro raro entre autor e leitor, remetendo-nos ao gesto de compartilhar olhares e experiências. A profundidade do olhar de Flávia Schiochet se materializa em uma narrativa fluida, onde as palavras nos transportam de modo poético a um minúsculo fragmento do rico universo do artista Rodrigo de Haro. É através de pequenas frestas que Flávia, delicadamente, tece suas palavras e explora ensaisticamente o mundo de Rodrigo. Semelhante a um *flâneur*, o leitor fica prazerosamente à deriva de uma escritura que se desdobra em vários atos, rendendo-se ao inusitado de cada descoberta.

Aglair Bernardo